

# ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS PEQUENAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS CRIANÇAS PEQUENAS NO PERÍODO DE INSERIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL<sup>1</sup>

Ana Paula Laverde

**RESUMO:** Este artigo traz o resultado de uma pesquisa que investigou o ponto de vista da criança pequena em relação aos pais e educadores, durante o processo de inserimento em uma escola de Educação Infantil, buscando identificar sua capacidade de formar vínculos afetivos seguros e explorar o mundo a seu redor, apoiada nas relações familiares e no desenvolvimento global conforme sua idade. Para tanto, buscou suporte na Teoria do Apego de John Bowlby e no Modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização, e com base nessas indicações observou as relações entre a tríade criança-pais-educadores que compõem este universo, analisou as respostas dos questionários dirigidos aos pais e educadores, juntando, dessa forma, os subsídios necessários para compor o panorama que revela o ponto de vista da criança. Por ser uma amostragem pequena, o resultado desta pesquisa é inconclusivo, porém indica de forma consistente que “os modelos internos desenvolvidos nas relações com as figuras de apego primárias tendem, de maneira geral, a ser estáveis e a se generalizar nas relações futuras.” (Bowlby (1989) apud Dalbem & Dell’Aglío, 2005, p. 20), de modo que a instituição de ensino deve se dispor a conhecer a família realizando com ela uma anamnese visando planejar o inserimento focado na necessidade concreta daquele criança, se possível prevenindo dificuldades e antecipando soluções, minimizando possíveis traumas e potencializando conquistas que irão refletir positivamente no futuro da criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adaptação, Acolhimento, Inserimento Escolar, Teoria Do Apego.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo traz o resultado de uma pesquisa empírica, exploratória, qualitativa que investigou como se constitui o processo de inserimento escolar de crianças pequenas em uma escola de Educação Infantil fundamentada na pedagogia Waldorf, no Bairro Campeche, em Florianópolis, Santa Catarina.

Tem se configurado na prática pedagógica das escolas de Educação Infantil a necessidade de conhecer o ponto de vista da criança no momento do seu ingresso na Educação Infantil, visando proporcionar uma boa experiência para ela.

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020. Orientador: Professor Dr. Jorge Alexandre Nogared Cardoso.

O termo utilizado genericamente para designar este processo é “adaptação”, que trata da capacidade do ser humano de se ajustar a uma nova realidade, ou seja, é de certa forma um processo unilateral, no caso, é esperado da criança que se ajuste à escola. Chama a atenção que novos termos vêm surgindo na intenção de ampliar o entendimento e a busca de novas práticas para este processo, como “inserimento” que é o processo inicial de “acolhimento” da criança pequena nas creches, o qual busca criar uma continuidade emotiva entre família e creche, através da estruturação de um momento e ambiente que proporcionem uma boa experiência para este delicado momento de transição.

Na busca de pesquisas empíricas sobre o processo de *inserimento* das crianças nas creches, verifiquei que geralmente busca-se identificar o posicionamento ora das famílias em relação às creches, ora das creches em relação às crianças e seus familiares. Esta pesquisa buscou o posicionamento da criança frente à situação de ingresso escolar.

Segundo a pesquisa realizada por Reis e Garms (2014), uma parcela significativa das famílias desconhece o papel da instituição de Educação Infantil na formação das crianças e a importância de se constituir uma parceria entre família e creche. As famílias têm expectativas muito específicas, ligadas à assistência, como um substituto para suas funções, não entendendo o papel da escola na formação da criança. Conforme esclarecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil-DCNEI (BRASIL, 2010), as escolas de Educação Infantil têm a função de constituir propostas pedagógicas associando cuidado e educação.

A pesquisa realizada por Oliveira (2018) mostra a precariedade da parceria entre os pais e a escola. Os familiares, não confiando na instituição, se deixam conduzir somente pela reação das crianças durante o período de acolhimento, diante do que, se sentem inseguros quanto aos cuidados dispensados às crianças pelos profissionais da creche, desse modo não se dispõem a se afastarem das crianças e provocando constantes intervenções no processo, acreditando estarem auxiliando. Por outro lado, os professores sentem que a presença dos pais na escola é fator impeditivo para o sucesso da adaptação.

Já a pesquisa realizada por Marcarini (2012) revela que a escola não tem escuta sensível nem busca o acolhimento para a criança e sua estratégia objetiva que a criança unilateralmente se adapte à instituição.

Constata-se que a criança está em uma situação desfavorável e há necessidade de compreender seu ponto de vista como sujeito ativo neste contexto, uma vez que a escola é um espaço que representa para a criança a possibilidade de descobertas e de novas experiências fundamentais ao seu desenvolvimento global.

Encontramos subsídios na Teoria do Apego ou Vinculação de John Bowlby para compreender como se dá a formação do relacionamento entre crianças de dois anos e o cuidador, e o conseqüente comportamento de apego utilizado como estratégia instintivamente desenvolvida pela criança para alcançar e manter proximidade com outro indivíduo considerado mais apto para lidar com o mundo, o qual oferece as oportunidades para o desenvolvimento de suas capacidades sociais e emocionais.

Desta forma, esta pesquisa nos trouxe informações relevantes para nos ajudar a compreender qual o tipo de cuidado que as crianças estão recebendo em casa e na escola de Educação Infantil, que favorecem ou não o inserimento escolar, e, conseqüentemente, quais os desafios se apresentam às crianças pequenas na transição do convívio familiar para o convívio na escola de Educação Infantil.

Para tanto, verificou-se: quais ações os professores dedicam às crianças na fase de acolhimento; como se dá o relacionamento da criança com os pais; que tipo de suporte os pais oferecem ao desenvolvimento sadio da criança; quais as habilidades linguísticas, motoras, sociais, e os padrões comportamentais e emocionais da criança durante sua permanência na escola nos primeiros 10 (dez) dias de inserção escolar; quais as dificuldades e desafios encontrados pelas crianças pequenas durante a fase de acolhimento; e, por fim, quais as estratégias utilizadas pelas crianças pequenas para lidar com as situações que ocorrem na fase de inserimento escolar.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Essencial para a saúde mental é que o bebê e a criança pequena mantenham uma relação contínua, íntima e afetuosa com as mães (ou seus cuidadores substitutos) – relação que traga a ambos satisfação e prazer. (BOWLBY, 1984).

Este trabalho de investigação busca subsídios na Teoria do Apego ou Vinculação de John Bowlby para compreender como se dá a formação do relacionamento entre crianças em torno de 2 anos e o cuidador, e o conseqüente comportamento de apego utilizado como estratégia instintivamente desenvolvida pela criança para alcançar e manter proximidade com outro indivíduo considerado mais apto para lidar com o mundo, o qual oferece as oportunidades para o desenvolvimento de suas capacidades sociais e emocionais.

Não apenas as crianças, mas pessoas de todas as idades são mais felizes e mais capazes de melhor exercitar seus talentos quando seguros de que, atrás de si, há uma ou mais pessoas em quem confiam e que lhes darão ajuda em caso de

necessidade. A pessoa em quem se confia representa base segura para ação. (BOWLBY, 2004, p. 431)

A TA registrou evidências de efeitos que prejudicam o desenvolvimento sadio da criança decorrentes de uma interrupção com a interação da figura materna. Visando que esta pesquisa possa contribuir com esclarecimentos relevantes acreditamos necessário compreender que fatores constitucionais influenciam variavelmente quanto à capacidade de tolerar a separação, para uns causando trauma e para outros não, uma mesma situação. Nos primeiros anos de vida que todo ser humano tende a ser vulnerável e define seu conceito de trauma em termos de condições causais e consequências psicológicas:

A separação da mãe nos primeiros anos de vida ajusta-se a ambos os aspectos por ele enfatizados. No tocante às condições causais, sabe-se que a separação em ambiente estranho gera intensa aflição durante um longo período; isto concorda com a hipótese de Freud de que o trauma ocorre quando o aparelho mental é submetido a uma quantidade excessiva de excitação. No que diz respeito às consequências, pode ser demonstrado que as mudanças psicológicas que regularmente sucedem à aflição prolongada devida à separação não são outra coisa senão a repressão, a cisão e a negação; e estes são, precisamente, os processos defensivos que Freud postula serem resultados do trauma. (BOWLBY, 1984, p. 11).

Outro conceito básico que suporta a TA se refere ao desenvolvimento socioemocional. O modelo de apego que um indivíduo desenvolve durante a primeira infância é influenciado pelo modo como os cuidadores primários (pais ou pessoas substitutas) o tratam.

As ideias de Bowlby representaram o ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova teoria da motivação humana. A categorização das unidades comportamentais é observada em termos de agentes, objetos, relações, modos e intensidades. A presença ou ausência da mãe é uma variável chave para determinar uma sequência comportamental que expresse “protesto, desespero, desapego”. Quanto mais estranho o ambiente e quanto mais estranhas as pessoas tanto mais assustadas as crianças tendem a ficar. Certas condições atenuam a intensidade das reações: a presença de uma pessoa conhecida e/ou objetos familiares, e os cuidados afetivos de um cuidador substituto. A duração do período de perturbação depende, em parte da idade da criança, e em parte da habilidade da pessoa que desempenhará o papel de “figura de apego” para aquela criança, ou seja, sua capacidade de ajustar seu comportamento ao comportamento de uma criança aflita que, por vezes, tem medo e assume atitudes de rejeição.

Por figura materna entende-se aquela pessoa para a qual a criança orienta, de acordo com preferências, seu comportamento de apego... Lembrando que um indivíduo, a medida que evolui, orienta seu comportamento de apego para outras pessoas, diversas da mãe ou de alguém que atue na condição de mãe substituta, é oportuno dispor de alguns termos que não estejam tão

especificamente associados à relação filho-genitor. Entre os termos aqui utilizados de maneira genérica, a fim de abranger qualquer pessoa para a qual se oriente o comportamento de apego, acham-se “figura de apego” e “figura de apoio”. (BOWLBY, 2004, p. 27). “Presença” e “ausência” são termos relativos; podem gerar mal-entendidos, salvo se definidos de modo mais preciso. “Presença” significa “acesso imediato”; “ausência” significa “inexistência de acesso”. As palavras “separação” e “perda”, como usadas neste livro, indicam sempre que a figura de apego do indivíduo não é acessível – temporariamente (na separação) ou permanente (na perda). (BOWLBY, 2004, p. 27). O fato de uma criança ou de um adulto encontrar-se em estado de segurança, de angústia ou de aflição fica determinado, em ampla margem, pela acessibilidade e pela receptividade de sua principal figura de apego. (BOWLBY, 2004, p. 28).

Além da disponibilidade da figura de apego e sua habilidade em compreender e atender as necessidades da criança, observaremos a experiência das crianças do ponto de vista dos padrões de apego.

A Teoria de Apego identificou duas classes de estilo de apego: os seguros e os inseguros. Nos inseguros temos o resistente, evitante e desorganizado. As crianças seguras são àquelas mais confiantes ao explorar o mundo que está ao seu redor com certeza que seus cuidadores estarão por perto e as inseguras, exploram pouco o ambiente e possuem em excesso ou precária interação com a mãe. (DALBEM E DELL’AGLIO, 2005 apud VALERA et al 2012, p. 8).

A TA de John Bowlby forneceu as diretrizes necessárias à adequada observação das crianças na situação de inserimento escolar permitindo que esta pesquisa contribua para a criação e/ou manutenção de condições adequadas ao desenvolvimento infantil e integração entre a escola e a família.

### **3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O processo de inserimento escolar se apoia em um tripé formado pela criança, seus pais e os educadores. Ele requer certas características peculiares para que tenha êxito. Ao educador cabe criar um ambiente seguro e acolhedor para a criança e seus pais, engajando o grupo de crianças veteranas e a comunidade de pais no processo de múltiplas formas. Aos pais cabe a responsabilidade de escolher a escola e sua metodologia visando oferecer as melhores condições para o desenvolvimento global do seu filho(a) em sintonia com o próprio estilo de vida da família, pois a instituição de Educação Infantil oferece uma complementação à educação que as crianças recebem em suas casas e isso deve proporcionar uma experiência e vivência harmônica para as crianças; se dispor a formar vínculos afetivos e de confiança com os educadores e a comunidade escolar; estar dispostos a reavaliar e realizar ajustes no processo

de inserimento e na rotina da criança em casa para criar condições favoráveis neste momento delicado de acolhimento e formação de vínculos, onde a criança precisa estar bem alimentada, adequadamente vestida, com boa saúde e disposição. A criança precisa ter desenvolvido vínculo de apego seguro com seus pais, que servirá de base para a formação de vínculo com a figura de afeto substitutivo, no caso os educadores, e as demais crianças, seus futuros parceiros de jogo. A criança que tem seu desenvolvimento global adequado a sua idade, conta com uma preciosa ferramenta que vai lhe oferecer segurança, autonomia e autoestima para dar suporte ao processo de inserimento escolar conforme Rogers (2010).

Com base no questionário respondido pelos pais no início do período de inserimento (Tabela 1), podemos notar que todas as crianças moravam com os pais, foram amamentadas, tiveram uma introdução alimentar adequada, adormecem sob os cuidados dos progenitores, não apresentaram diagnóstico de doenças relevantes ao inserimento escolar, nenhuma delas sofreu trauma físico ou psicológico, conseguem brincar sozinhas, costumam estar em contato com a natureza, o que nos indica que recebem os cuidados necessários para seu bem estar físico e emocional, assim como o cultivo de boa saúde, necessários a formação do padrão de apego seguro. As crianças seguras são àquelas mais confiantes ao explorar o mundo que está ao seu redor com a certeza de que seus cuidadores estarão por perto. O segundo grupo de dados coletados na Tabela 1 não se mostrou conclusivo em relação a servirem de base para a formação de apego seguro ou não. São eles: ter ou não irmãos, colaborar nos cuidados pessoais, controle dos esfínteres, vivência de inserimento escolar anteriormente, ser filho de pai ou mãe estrangeiro, ter mudado de casa recentemente, e costumar ou não ficar sob os cuidados de outras pessoas. Porém, chamou a atenção que a única criança que não conseguiu formar vínculo de afeto seguro com o cuidador substitutivo, também foi a única a compartilhar leito com os pais, não ter ritmo na rotina cotidiana, não ter oportunidades de brincar com outras crianças, assim como o impacto da maternidade ter despertado sentimento de insegurança.

Tabela 1: Questionário aos pais no início do período de inserimento

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
Mora com pais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Irmãos	Não	Não	Não	Sim	Não
Amamentação	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Introdução alimentar	BLW	Natural	BLW	Natural	Natural
Leito compartilhado	Não	Não	Sim	Não	Não
Adormece sozinha	Não	Não	Não	Não	Não
Colabora nos cuidados pessoais	Sim	Sim	Sim	Pouco	Sim
Controle dos esfínteres	Não	Sim	Não	Sim	Não
Ritmo na rotina cotidiana	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Diagnósticos de doenças, síndromes ou alergias	Não	Não	Não	ALPV	ALPV

Sofreu trauma físico ou psicológico	Não	Não	Não	Não	Não
Vivenciou inserimento escolar anteriormente	Não	Sim	Não	Não	Não
Consegue brincar sozinha	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Mãe ou pai estrangeiros	Não	Não	Não	Não	Sim
Mudou de casa recentemente	Não	Não	Não	Sim	Não
Costuma ficar sob cuidados de outras pessoas	Não	Sim	Avó	Babá	Não
Costuma estar ao ar livre / contato c/ natureza	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Costuma brincar com outras crianças	Sim	Pouco	Não	Irmãs	Sim
Impacto da maternidade / paternidade	Intenso	Sereno	Insegura	Difícil	Segura

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

As respostas apresentadas pelos educadores no final do período de inserimento nos permitiu perceber que eles se posicionaram diante do processo atentos, tanto às crianças, quanto aos pais, assim como aos processos realizando avaliação qualitativa continuada visando diagnosticar necessidades e criar estratégias adequadas à cada caso em particular.

O cerne do inserimento escolar está na formação do vínculo de afeto seguro entre crianças e o cuidador, e o consequente comportamento de apego utilizado como estratégia instintivamente desenvolvida pela criança para alcançar e manter proximidade com outro indivíduo considerado mais apto para lidar com o mundo, o qual oferece as oportunidades para o desenvolvimento de suas capacidades sociais e emocionais. Neste quesito os cuidadores se mostraram consistentemente disponíveis para cada uma das crianças observadas, atendendo suas necessidades físicas e emocionais com prontidão e afetuosidade.

Tabela 2: Questionário aos educadores ao final do período de inserimento

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
1º dia de acolhimento – olhar sobre a criança	Confiante, observadora, interagindo, aceitou cuidados	Agarrado ao pai. Brincou com as crianças. Interagiu pouco com a educadora	Manteve distância de todos, crianças e educadores, e proximidade com o pai Inseguro e observador.	Confiante. Formou vínculo com educadores. Explorou espaço. Autônomo. Expressa necessidades. Aceita acolhimento	Agarrado na mãe. Adotou um objeto para se sentir seguro. Aceitou interação a distância com educador
1º dia de acolhimento – olhar sobre os pais	Pai não ficou no pátio. Observou ocultamente. Expressou insegurança	Deixou Criança 2 à vontade. Observou bem a escola, as crianças e a educadora. Confiante que Criança 2 já poderia ficar sozinho.	Pai interagiu bastante com as todas as crianças dificultando a aproximação do educador com o Criança 3	Não precisou ficar na escola. Seguro, formando vínculo com a escola, buscando diálogo, conselhos e ajuda	Disposta a colaborar se mostrou discreta e atenta. Abriu espaço para formação de vínculo afetivo
Desenvolvimento do processo de	O revezamento do acompanhante	Formou vínculos afetivos, explorou o	Exige a presença da avó. Observador. Explora bem o	Ficou período inteiro desde primeiro dia. Aceita ser cuidado.	Formou vínculo afetivo consistente

inserimento da criança	causou insegurança e instabilidades	espaço e as relações. Seguro.	espaço. Evita contato com as crianças. Iniciou breves contatos com a educadora	Expressa suas necessidades. Traz desafios de comportamento	com educador e logo ficou período inteiro
Desenvolvimento do processo de inserimento em relação aos pais	Tensão e expectativa dos pais, acolhimento da escola e formação do vínculo afetivo	Seguros e confiantes	Pais inseguros. Avó acha cedo para Criança 3 ir para escola, mas tem a melhor postura para formar vínculo afetivo	Formaram vínculo com a escola rapidamente. Seguros e disponíveis para dar suporte	Seguros entregaram o filho aos cuidados do educador permanecem disponíveis
Descreva como está a criança agora	Criou vínculos afetivos, conquistou autonomia, expressa necessidades, aceita acolhimento,	Confiante, alegre, interativo, proativo, autônomo	Já aceita a presença dos amigos. Evita interações. Amigos gostam dele e tentam se aproximar	Traz comportamentos destrutivos, não tem repertório de jogo, nem quer formar vínculo com as crianças. Educador atuou pedagogicamente já apresenta melhoras	Sensível às ocorrências ao redor. Convicto em permanecer na escola. Desenvolveu motricidade e autonomia
Houve avaliação continuada e correção do processo de adaptação	Diariamente, avaliação e ajustes	Diariamente, avaliação e ajustes	Diariamente, avaliação e ajustes	Diariamente, avaliação e ajustes	Diariamente, avaliação e ajustes

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

O desenvolvimento global da criança é ferramenta que ela utiliza para se comunicar e explorar o mundo de forma segura e confortável. Sendo desejável que ele esteja adequado a sua idade. A Tabela 3 nos mostra a avaliação do desenvolvimento de cada uma das crianças observadas segundo Modelo Denver realizada durante o inserimento.

A motricidade grossa e fina se apresenta adquirida de forma consistente e de acordo com a idade para todas as crianças observadas. A comunicação expressiva, podendo se dar na forma de linguagem verbal ou gestual, se mostrou parcialmente adquirida em duas crianças e adequadamente adquirida em três crianças, se mostrando inconclusiva quanto a influenciar o sucesso do inserimento. Entretanto, pudemos notar que a criança 3, que não conseguiu se adaptar e criar vínculo de afeto seguro com a figura de afeto substitutivo, foi a única que não demonstrou as competências relacionadas a comunicação receptiva, competências sociais, capacidade de imitação e jogo, comportamento e independência pessoal, capacidades normalmente adquiridas ainda dentro do contexto familiar anteriormente ao inserimento escolar.

Conhecer o estágio de desenvolvimento global da criança ferramenta o educador a dar o suporte necessário ao momento do inserimento criando condições favoráveis no ambiente

físico e anímico na instituição favorecendo a exploração do espaço, a formação de vínculo e autonomia que este ambiente social oferece e exige. Podemos concluir que a falta de alguns elementos essenciais das competências globais impede que o inserimento escolar se dê de forma adequada evitando traumas, exigindo a avaliação e acompanhamento de uma equipe multidisciplinar composta por psicólogo, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo e fisioterapeuta conforme o caso específico.

Tabela 3: Avaliação do desenvolvimento da criança segundo Modelo Denver realizada durante o inserimento

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
Comunicação receptiva	Adquirida	Adquirida	Não demonstrou	Adquirida	Adquirida
Comunicação expressiva	Parcial	Adquirida	Parcial	Adquirida	Adquirida
Competências sociais	Adquirida	Adquirida	Não demonstrou	Parcial, com suporte	Adquirida
Capacidade de imitação	Adquirida	Adquirida	Não demonstrou	Adquirida	Adquirida
Jogo	Adquirida	Adquirida	Não demonstrou	Parcial, com suporte	Adquirida
Motricidade fina e grossa	Adquirida	Adquirida	Adquirida	Adquirida	Adquirida
Comportamento	Adequado	Adequado	Inseguro	Agressivo e controle	Adequado
Independência pessoal	Parcial	Parcial	Não demonstrou	Adquirida	Parcial

Fonte: Tabela criada pelo autor a partir do *Checklist Curriculum* do Modelo Denver, Nível 2 e 3, disponível em Rogers (2010, p. 282 a 305) para avaliação das competências necessárias ao momento do inserimento escolar.

Analisando o comportamento de assinalamento, conforme a Teoria do Apego, durante o primeiro dia de inserimento escolar, podemos notar que os recursos utilizados pelas crianças para manter a proximidade de um adulto mais competente para lidar com os desafios do mundo ao seu redor foram utilizados com sucesso de uma forma ou outra. O comportamento de aproximação foi utilizado consistentemente por três crianças, e não foi manifestado por duas das crianças, as quais estavam completamente interessadas na exploração e observação do ambiente. As combinações de comportamento de apego dirigido a uma meta no 1º dia aconteceram de formas diversas para cada uma das crianças.

Desse modo, podemos concluir que o primeiro dia de inserimento escolar, deve estar planejado para atender diferentes demandas das crianças e dos pais, pois sendo o primeiro contato com este novo ambiente deve criar as condições favoráveis para a formação de vínculo afetivo e de segurança, não favorecendo o sucesso em caso de adoção de estratégias padronizadas.

A partir do momento em que se tornou possível a ausência da mãe, o que se deu em diferentes tempos, as crianças passaram a direcionar formas de comportamento mediadora de apego para a “figura de apego substitutiva”, no caso, os educadores, dirigindo à eles trocas de olhares e sorrisos, rápidos contatos físicos, deslocamento e afastamento exploratório com maior frequência e por mais tempo, e no retorno da mãe se orientando para elas de modo geral sorridentes.

A forma de ativação do comportamento de apego, se deu em decorrência da ausência da mãe somente para a criança 3, porém em relação ao intervalo de tempo na ausência da mãe para todas. Uma das crianças teve a ativação do comportamento de apego devido a fome e cansaço, demanda suprida pelo educador, sem necessidade da presença da mãe.

Em relação a ocorrências de eventos alarmantes, que em nosso caso se deu quando uma criança se machucou e chorou intensamente e outras vezes por disputa de brinquedos, causando abalo em duas das crianças, as quais aceitaram imediatamente acolhimento do professor. Em todos os momentos os educadores acolheram pronta e afetuosamente as crianças.

As formas de finalização do comportamento de apego foram leve para quatro crianças, bastando anunciar a chegada da mãe em breve, porém a Criança 3 apresentou nível elevado de intensidade, onde mesmo com a aproximação da mãe há choro e agarramento.

Analisando os dados coletados na Tabela 4 pudemos observar o padrão de comportamento de apego de cada uma das crianças em processo de inserimento escolar, identificando que as crianças 1, 2, 4 e 5, conforme nos diz Dalbem e Dell’Aglío (2005) em relação à TA de John Bowlby, apresentam estilo de apego seguro ao se mostrarem confiantes ao explorarem o mundo que está ao redor delas na certeza de que seus cuidadores estarão por perto. Já em relação a Criança 3 percebe-se um estilo de apego inseguro, resistente e evitante em formar novos vínculos de afeto.

Tabela 4: Avaliação diagnóstica do comportamento de apego segundo a Teoria do Apego realizada durante o inserimento

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
<b>COMPORTAMENTO DE ASSINALAMENTO NO 1º DIA</b>					
Chorar	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Chamar	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Gesto de erguer os braços	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Sorrir	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Tentar captar e reter a atenção	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
<b>COMPORTAMENTO DE APROXIMAÇÃO NO 1º DIA</b>					
Locomoção para abordar	Não	Sim	Sim	Não	Sim

Locomoção para seguir	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Locomoção para procurar	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Agarrar-se	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<b>COMBINAÇÕES DE COMPORTAMENTO DE APEGO DIRIGIDO A UMA META NO 1º DIA</b>					
Mãe presente e parada	Permanece tranquila	Se aproxima e as vezes agarra	Se aproxima e as vezes agarra	Não aconteceu	Permanece tranquila ou se aproxima e as vezes agarra
Mãe presente e em movimento	Permanece tranquila	Se aproxima e as vezes agarra	Se aproxima e as vezes agarra	Não aconteceu	Idem
Criança não viu a mãe sair	Quando percebe, procura e chama, mas consegue permanecer tranquila	Não aconteceu	chora, protesta e faz esforços persistentes e extenuantes	Não aconteceu	Não aconteceu
Criança vê quando a mãe se retira tranquilamente	Não aconteceu	Não aconteceu	Não aconteceu	Permanece tranquila	Permanece tranquila
Criança vê a mãe sair de forma rápida e ruidosa	Não aconteceu	Não aconteceu	Não aconteceu	Não aconteceu	Não aconteceu
<b>MÃE AUSENTE COM PRESENÇA DO EDUCADOR NO 10º DIA</b>					
Troca ocasional de olhares e sorrisos	Sim	Sim	Não aconteceu	Sim	Sim
Rápido contato físico	Sim	Sim	Não aconteceu	Sim	Sim
Deslocamento e afastamento exploratório	Alta frequência por longo tempo	Alta frequência por longo tempo	Não aconteceu	Alta frequência por longo tempo	Alta frequência por longo tempo
No regresso da mãe mostra-se:	Se orienta para a mãe sorrindo e ergue os braços	Se orienta para a mãe sorrindo	Não aconteceu	Se orienta para a mãe sorrindo	Chora, mas logo se acalma e sorri
<b>FORMAS DE ATIVAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE APEGO NO 10º DIA</b>					
Distância da mãe	Não	Não	Sim	Não	Não
Intervalo de tempo na ausência da mãe	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Condição da criança	Todas as necessidades sempre atendidas	Todas as necessidades sempre atendidas	Todas as necessidades sempre atendidas	Algumas vezes por fome outras por cansaço	Todas as necessidades sempre atendidas
Ocorrências de eventos alarmantes	Manteve-se calma	Manteve-se calma	Se abala e se aproxima da mãe	Não ocorreu	Se abala e chega a chorar
Mal acolhimento por parte do educador	Sempre bom acolhimento	Sempre bom acolhimento	Sempre bom acolhimento	Sempre bom acolhimento	Sempre bom acolhimento
<b>FORMAS DE FINALIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE APEGO NO 10º DIA</b>					
Nível leve, moderado ou elevado	Nível leve, bastando anunciar que a mãe vai chegar em breve	Nível leve, bastando anunciar que a mãe vai chegar em breve	Nível elevado de intensidade onde mesmo com aproximação	Nível leve, bastando anunciar que a mãe vai chegar em breve	Nível leve, bastando anunciar que a mãe vai chegar em breve

			há choro e agarramento		
--	--	--	------------------------	--	--

Fonte: Elaborada pelo autor segundo a Teoria do Apego, Bowlby (1984, p. 261 a 277), 2020.

Em relação a atuação dos pais durante o inserimento o fato de mudar o acompanhante a cada dia do processo, o fato dos pais serem rígidos ou permissivos, ou ainda de serem seguros ou inseguros, não se mostraram conclusivos convidando a ampliar a amostragem em novas pesquisas. A única família que não se mostrou disposta a ajustar a rotina de casa para favorecer o inserimento escolar não obteve êxito no processo, o que indica que uma rotina consistente em casa reflete na segurança da criança. Preparar a criança adequadamente para vir para a escola é um fator importante de suporte ao processo.

Porém, houve aspectos da atuação dos pais durante o inserimento que se mostraram consistentes nesta pesquisa, uma vez que todos estavam dispostos a formar vínculo, todos estavam comprometidos com o processo e dispostos a reavaliar e realizar ajustes, como nos mostra os dados na Tabela 5, indicando que, apesar do apoio dos pais, nos casos em que as crianças não estão com o desenvolvimento global adequado a sua idade e/ou que o padrão de comportamento de apego da criança se mostra inseguro, mesmo diante de um acolhimento afetuoso, a criança não está preparada para enfrentar com êxito o inserimento escolar livre de possíveis traumas futuros.

A TA registrou evidências de efeitos que prejudicam o desenvolvimento sadio da criança decorrentes de uma interrupção com a interação da figura materna indicando que a usual orientação aos pais de irem embora da escola e deixarem a criança chorar até que se adapte a nova situação é contraindicada, uma vez que fatores constitucionais influenciam variavelmente quanto a capacidade de tolerar a separação, para uns causando trauma e para outros não, uma mesma situação, principalmente nos primeiros anos de vida que todo ser humano tende a ser vulnerável.

Tabela 5: Atuação dos pais durante o inserimento

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
Acompanhante durante o acolhimento	Pai e mãe	Pai e mãe	Pai, mãe e avó materna	Pai e uma vez a mãe	mãe
Pais rígidos, permissivos ou moderados?	Moderados	Moderados	Permissivos	Permissivos	Permissivos
Pais seguros?	Inseguros	Sim	Inseguros	Sim	Sim
Pais dispostos a formar vínculo?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Pais comprometidos com o processo?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Pais dispostos a reavaliar e realizar ajustes no processo de inserimento?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

Segundo a TA em Bowlby (1984, p. 324), o “modo maternal” de tratar uma criança parece consistir em manter uma interação social intensamente ativa com a criança, respondendo prontamente a seus sinais e abordagens. A figura de apego normalmente abarca dois papéis na relação com a criança pequena: figura de apego e companheiro de brinquedos. A criança procura a figura de apego quando está cansada, doente, faminta ou alarmada, e quando está insegura. E procura o companheiro de brinquedo quando está bem humorada e confiante. São papéis distintos, porém, compatíveis, afirma Bowlby (1984, p. 325). É um erro imaginar que uma criança pequena difunde seu apego a diversas figuras, seguindo seu caminho na vida sem uma forte ligação com quem quer que seja, e conseqüentemente sem sentir a falta de qualquer pessoa em particular. Muito pelo contrário, existe uma forte tendência para o comportamento de apego ser dirigido para uma determinada pessoa. De modo que ao educador cabe manejar com destreza uma diversidade de competências auxiliares à formação inicial do vínculo de afeto substitutivo com a criança em processo de inserimento escolar. Essas competências estão disponíveis ao leitor na Tabela 6 e foram observadas pelo pesquisador nos educadores.

A qualidade didática fundamentada em um planejamento consistente, constantemente incentivando a motivação da criança para participar de interações, fazendo uso de afeto positivo, demonstrando sensibilidade e receptividade às pistas comunicativas da criança, oportunizando comunicações múltiplas e variadas, adequando a linguagem ao nível da criança, realizando uma gestão adequada da atenção da criança, propondo atividades em conjunto entre os pares, assim como realizando uma gestão individualizada dos momentos de entrada, saída e ampliação do tempo de permanência.

A atuação dos educadores se mostrou adequada para dar o suporte necessário ao sucesso do inserimento escolar das crianças e suas famílias.

Tabela 6: Atuação dos educadores durante o inserimento

	Educadora 1	Educador 2
Qualidade do compromisso didático na formação de vínculo afetivo com a criança	Sim	Sim
O adulto otimiza a motivação da criança para que participe da interação	Sim	Sim
Uso do afeto positivo pelo adulto	Sim	Sim
Sensibilidade e receptividade do adulto às pistas comunicativas da criança	Sim	Sim
Oportunidade de comunicações múltiplas e variadas ocorrem na interação	Sim	Sim
Adequação da linguagem do adulto ao nível de linguagem da criança	Sim	Sim
Gestão da atenção da criança	Sim	Sim
Capacidade do adulto para modelar o afeto e a excitação da criança	Sim	Sim
Gestão de comportamentos indesejados	Sim	Sim
Elaboração de uma atividade conjunta	Sim	Sim

Gestão dos momentos de entrada e saída	Sim	Sim
--	-----	-----

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

#### 4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve a oportunidade de conhecer o ponto de vista da criança pequena no momento do inserimento escolar se utilizando da Teoria do Apego de John Bowlby (1984) para entender como se dá a formação de vínculos afetivo com a figura de apego substitutiva, a segurança para explorar o mundo ao seu redor, assim como, apoiada no Modelo Denver disponível em Rogers (2010) avaliar as competências, disponíveis ou não nas crianças, necessárias à este momento.

“...a criança possui um papel pensante no mundo das pessoas, em função disso é necessário que se pense sobre como a criança percebe o que se faz a ela, e não que apenas se dê atenção ao que lhe acontece. (RAMIRES, 2003 apud DALBEM & DELL’ÁGLIO, 2005, P. 16).

Seguindo as diretrizes oferecidas pela TA pudemos constatar que logo nos primeiros dias que a Criança 1, Criança 2, Criança 4 e Criança 5 permaneceram na escola já dispensaram a presença dos pais se dispondo de imediato a iniciar a formação de vínculo afetivo com os educadores, dirigindo à eles trocas de olhares e sorrisos, comunicando expressivamente suas necessidades, aceitando auxílio e cuidados, assim como mantendo proximidade deles nos momentos em que buscavam se sentir seguros, com isso se dispuseram a explorar o ambiente, os brinquedos e realizaram algumas aproximações e interações com as crianças.

A Criança 3 todo o tempo procurou manter contato visual com o familiar que o acompanhou ao longo dos 10 dias observados do processo de inserimento, e mesmo estando na presença do pai, da mãe ou da avó demonstrou insegurança, permitindo poucas aproximações e raras interações com os educadores. Pelo contrário, mesmo com incentivo da família, manteve sempre uma postura bem observadora e reservada, senão angustiada diante das propostas de interações vindas tanto das crianças como dos educadores. A Criança 3, na presença do familiar sentiu-se bem à vontade para explorar o ambiente e os brinquedos, evitando sistematicamente o contato social. Por duas vezes, o familiar tentou sair do pátio sem ser visto, mas rapidamente a Criança 3 percebeu sua ausência e entrou em choro intenso e angustiado, mantendo esforços persistentes e extenuantes até o retorno do familiar.

A Criança 1, Criança 2, Criança 4 e Criança 5 desenvolveram em seus lares, em contato com os pais, apego seguro, autoconfiança e confiança nos outros, que possibilitou à eles criar vínculo afetivo com figuras de afeto substitutivo, no caso os educadores, que poderia lhes

proporcionar condições estratégicas de instintivamente alcançar e manter proximidade com outros indivíduos considerados mais aptos para lidar com o mundo, o qual oferece as oportunidades para o desenvolvimento de suas capacidades sociais e emocionais.

Criança 3, por sua vez, desenvolveu em seu lar, em contato com os pais e a avó que compartilha seus cuidados, superdependência e apego com angústia em resposta a separação momentânea, com baixo interesse social e de formação de vínculo afetivo com as eventuais figuras substitutas de afeto, sentindo-se inseguro em suas proximidades, se negando a comunicação de qualquer tipo, troca de sorrisos ou interações, com isso restringindo as possibilidades de desenvolvimento oferecidas pelo contato com o mundo.

Para entender as bases oferecidas ou não pelos familiares para o desenvolvimento do apego seguro, pudemos notar, conforme o questionário respondido pelos pais, que todas as crianças moram com os pais, usufruíram do benéfico vínculo materno de amamentação, tiveram uma introdução alimentar natural e tranquila com oportunidade de explorar os alimentos, colaboram nas rotinas de higiene proporcionando aquisição de autonomia, nenhuma delas sofreu trauma ou tem diagnóstico de doenças que possam comprometer seu bem-estar, todas têm capacidade de brincar com autonomia por um certo tempo, costumam estar em contato com a natureza o que oferece familiaridade com o ambiente da escola.

Outras circunstâncias observáveis que poderiam nos oferecer uma justificativa para a formação ou não do vínculo de apego seguro não demonstraram resultados consistentes. São elas: o convívio com irmão, pois somente uma das crianças tem irmãos; o controle dos esfíncteres, pois três delas não possui ainda; somente uma delas vivenciou inserimento escolar anteriormente e se sentiu segura durante o inserimento atual; a única criança com pai estrangeiro não demonstrou dificuldades em se comunicar; a única criança que mudou de cidade e casa recentemente não teve dificuldades; o fato de estarem ou não acostumados a serem cuidados por outra pessoa também não expressou ser significativo.

Porém, quatro fatores se mostraram significativos, enquanto vivenciados somente pela criança que demonstrou apego inseguro. São eles, dormir em leito compartilhado com os pais, não conviver com outras crianças, não ter ritmo na rotina diária em casa e a insegurança dos pais quanto a maternidade e paternidade.

A aplicação parcial do checklist Curriculum do Modelo Denver (2010) adaptada pelo autor às competências necessárias ao momento do inserimento escolar relativas a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização nos permitiu aferir o desenvolvimento das competências típicas necessárias ao convívio no jardim de infância, sendo elas, a comunicação

receptiva e expressiva, competências sociais, capacidade de imitação, de jogo, motricidade fina e grossa, comportamento e independência pessoal esperadas para a faixa etária entre um ano e nove meses e dois anos e onze meses.

No quesito independência pessoal, as Crianças 1, 2, 3 e 5, em maior ou menor grau, demonstraram estar aquém do esperado para a idade, já a Criança 4 tem esta competência adquirida de forma consistente. Em relação à comunicação receptiva e expressiva, competências sociais, capacidade de imitação, jogo e motricidade ampla e fina, nas quatro crianças que tiveram uma boa experiência com disposição à formação de vínculo de apego seguro, encontram-se adquiridos ou parcialmente adquiridos. Chamou a atenção que a única criança que desenvolveu apego inseguro não demonstrou capacidades esperadas para a sua idade em relação à comunicação receptiva, competências sociais, capacidade de imitação, jogo e independência pessoal, sendo que no quesito comunicação expressiva tem competência parcial.

Complementarmente às capacidades das crianças em relação ao seu desenvolvimento global e aptidão em formar vínculo de apego seguro com a figura de apego substitutiva, no caso os educadores, foi utilizado as orientações de uso do *Checklist Curriculum* do Modelo Denver para verificar as competências do adulto em contato direto com a criança visando propiciar condições adequadas ao sucesso do inserimento escolar.

Na observação dos educadores, foi perceptível a qualidade do compromisso didático na formação do vínculo afetivo com a criança; a otimização da motivação da criança para que participasse da interação; fazendo uso de afeto positivo; demonstrando sensibilidade e receptividade às pistas comunicativas da criança; criando oportunidades de comunicação múltiplas e variadas; adequando a linguagem ao nível de linguagem da criança; realizando uma boa gestão da atenção da criança; sendo capazes de modelar o afeto e a excitação da criança; realizando boa gestão dos comportamentos indesejados; sempre atentos ao momento oportuno em que se faz necessário a elaboração de atividades para manter o humor, interesse e engajamento da criança; e, por fim, exercendo uma gestão adequada dos momentos de entrada e saída.

Corroborando com a observação do trabalho realizado pelos educadores durante o inserimento, podemos notar que o empenho deles em conhecer cada família, cada criança, suas necessidades e estar atento ao desenvolvimento do processo de inserimento para oferecer o suporte adequado às crianças e suas famílias e a disponibilidade em formar vínculos afetivos com elas, fica evidenciado nas respostas dadas por eles no questionário, onde se vê que foi

realizado um meticuloso planejamento, ações pedagógicas de acolhimento, avaliação e correção das ações conforme a necessidade sinalizada por cada criança.

No que concerne a participação dos pais no processo de inserimento escolar de seus filhos, pudemos notar que, mesmo causando dificuldades, o revezamento dos familiares no acompanhamento da criança, assim como o fato de terem uma postura mais moderada ou permissiva, não interferiu negativamente no êxito do processo. Ficou claro que a insegurança dos pais é um fator importante, que pode ser superado ao longo do processo permitindo que a criança se sinta segura para formar vínculos afetivo com a figura de afeto substitutivo. Caso a insegurança não seja superada compromete o sucesso do inserimento ou, em último caso, pode vir a causar um trauma na criança.

Segundo a Teoria do Apego (1984), existem evidências de efeitos que prejudicam o desenvolvimento sadio da criança decorrentes de uma interrupção com a interação da figura materna. Fatores constitucionais influenciam variavelmente quanto a capacidade de tolerar a separação, para uns causando trauma e para outros não, uma mesma situação. Nos primeiros anos de vida todo ser humano tende a ser vulnerável a traumas em termos de condições causais e consequências psicológicas, por isso deve haver cautela e, quando necessário, buscar ajuda qualificada para o desenvolvimento do apego seguro necessário ao inserimento escolar saudável.

Podemos afirmar que todas as famílias se mostraram comprometidas e dispostas a reavaliar e realizar ajustes no processo sempre que necessário, dispostas a formar vínculo com os educadores e as demais crianças, e zelosas em preparar seus filhos para estarem bem alimentados, descansados e bem dispostos no momento de vir para o jardim de infância.

Este trabalho de pesquisa empírica, exploratória e qualitativa realizou estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil, escola particular, situada no Campeche, em Florianópolis – Brasil, tendo como sujeitos 5 crianças entre 1 ano e 9 meses e 2 anos e 11 meses, e, sendo uma amostra pequena, não oferece resultados conclusivos, porém convida para que se dê continuidade ao estudo do tema com novas pesquisas ampliando a amostragem visando obter dados mais consistentes. Entretanto, mostrou como relevante as indicações da Teoria do Apego de John Bowlby (1984) da necessidade do sujeito de ter apego seguro para formação de novos vínculos afetivos, assim como as indicações do Modelo Denver oferecidas por Rogers e Dawson (2010) da necessidade de um saudável desenvolvimento de capacidades globais para o ingresso no jardim de infância.

A não aquisição desses pré-requisitos pode comprometer a qualidade do inserimento, e eventualmente, causar trauma na criança, sendo aconselhável que, ao identificar estas dificuldades, procurar suporte com profissionais competentes nas áreas demandadas, firmando parceria com a família e a escola, visando avaliar o desenvolvimento das capacidades globais da criança dentro do que é esperado para sua faixa etária, e, se necessário realizar uma terapia visando fortalecer a criança para enfrentar com sucesso o inserimento escolar e usufruir de todos os benefícios que o convívio com o mundo pode oferecer.

## REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. **Coleção Apego e Perda: Apego: A natureza do vínculo.** 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BOWLBY, John. **Coleção Apego e Perda: Separação: angústia e raiva.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. **Teoria do apego:** bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

MARCARINI, Célia Verônica. **As primeiras experiências das crianças na Educação Infantil.** 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, [Http://novo.more.ufsc.br/tese\\_dissert/inserir\\_tese\\_dissert](http://novo.more.ufsc.br/tese_dissert/inserir_tese_dissert), Vitória, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/6100>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

OLIVEIRA, Suélen Cristiane Marcos. **O processo de inserimento das crianças na Educação Infantil:** os desafios das famílias e dos educadores da infância. 2018. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (unesp), Presidente Prudente, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/153912>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

REIS, Joana Angélica Bernardo de Oliveira; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Expectativa das famílias em relação ao atendimento na instituição de Educação Infantil.** 2014. 5 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2014. Disponível em: <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/241%20EXPECTATIVA%20DAS%20FAM%20LIAS%20EM%20RELA%20AO%20ATENDIMENTO%20NA%20INSTITUI%20DE%20EDUCA%20INFANTIL.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine. **Intervenção Precoce em Crianças com Autismo:** Modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização. Lisboa: Lidel Edições Técnicas, Lda., 2010. 359 p.

VALERA, Ana Paula Sampaio et al. **John Bowlby:** as sete características do apego, as quatro classificações dos padrões de apego e o cuidador. 2012. 12 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Anhanguera de Santo André, Santo André, 2012.